O padre Paladadino desmonta as falsificações operadas pelo padre Ricossa

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Artigo original disponível no site Virgo Maria.

- Introdução
- Outras Falsificações do Padre Ricossa
- O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse mariano[9]
- Falsificação... é uma solução para romper a «monotonia»?
- Quando «herético»... torna-se «herético»
- As outras falsificações do padre Ricossa... A confusão dos diferentes "sistemas"
- A confusão sobre a palavra "Parusia"
- Dom Spadafora e o Apocalipse
- Anexos

    - Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.
    - Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano
    - Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot
    - Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

- Referências

Introdução



NOSSA RESPOSTA À SUA «*NÃO-RESPOSTA*»... CONTINUAÇÃO DO NOSSO PRIMEIRO DOCUMENTO DE OUTUBRO DE 2009. A FALSIFICAÇÃO DO PENSAMENTO DO CARDINAL BILLOT... OU
« O *Aoocalipse SEGUNDO RICOSSA* »

POR DOM FRANCESCO-MARIA PALADINO.

Publicamos o texto (veja abaixo) que o padre Paladino nos enviou, no qual demonstra **como o muito « *estranho* » padre Ricossa se entrega a verdadeiras falsificações dos comentários do cardinal Billot sobre o texto inspirado do Apocalipse de São João.**

Esta manobra consideravelmente « ***surpreendente*** » do padre Ricossa **tem o efeito objetivo de retirar todo valor do texto do Apocalipse, para a interpretação pelos clérigos e pelos fiéis católicos dos eventos atuais e futuros, e em particular da vinda do Anticristo anunciada pelas Sagradas Escrituras (Revelação)**.

Pode-se dizer que as pequenas « *combinações* » do padre Ricossa não têm nada de inocente, e que ele realiza ***de fato***, (***volens nolens***?) em seu cargo **um trabalho de sabotagem muito útil para os inimigos da Igreja, ao retirar dos clérigos e dos fiéis as bússolas que a Divina Providência lhes deu para atravessar esta crise aterradora**.

Já em outubro de 2009, o padre Paladino havia iniciado uma primeira exposição das falsificações operadas pelo Superior da IMBC. *VM* publicou[1] este texto em 30 de outubro de 2009. Os leitores já foram devidamente alertados em relação aos artigos do padre Ricossa.

Ele declara hoje não ter recebido nenhuma resposta por parte do padre Ricossa.

Este silêncio do padre Ricossa equivale a uma confissão. Diante da verdade e da demonstração factual, ele não sabe mais o que responder.

> « O padre Ricossa escreveu na n° 63 da *Sodalitium*: “ *Considero este número (o n° 48) como um dos melhores e mais importantes de nossa revista* ”. De fato, **no que diz respeito às manipulações de textos... sim, isso não deixa dúvida!** » Padre Paladino

Lembramos que há mais de um ano, o padre Ricossa se destacou por **tentar branquear o maçom iluminista Rosacruz, o cardeal Rampolla del Tindaro, ex-secretário de Estado do Papa Leão XIII e membro da seita luciferiana da O.T.O.**

Sobre este assunto, em breve traremos no site ***Virgo-Maria*** elementos complementares **inéditos, desconhecidos do padre Ricossa**.

Virgo-Maria.org é, de fato, praticamente o único meio na internet a denunciar os incômodos objetivos do padre Ricossa dentro da Tradição católica, **e seu jogo mais do que estranho, considerando a lógica que ele esboça: um jogo decididamente muito turvo, senão muito preocupante**, **agindo *de fato* como um agente dissimulado do padre apóstata Ratzinger-Benedito XVI, que buscaria bloquear as investigações históricas absolutamente necessárias à identificação do inimigo e à compreensão de sua ação e estratégia, todas questões absolutamente vitais para a eficácia da luta católica nos pontos essenciais.**

Uma espécie de Monsenhor Williamson italiano, em seu próprio registro, à frente da IMBC, de certa forma!

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2011 virgo-maria.org

Outras Falsificações do Padre Ricossa

Nossa resposta à sua «não-resposta»... continuação do nosso primeiro documento de outubro de 2009

A falsificação do pensamento do cardinal Billot... ou o Apocalipse segundo Ricossa

por Dom Francesco-Maria Paladino

com a colaboração de um grupo de fiéis

Em 18 de janeiro de 2011, na festa da Cátedra de São Pedro em Roma

Alguns dizem que, para não alimentar a polêmica[2], não é oportuno continuar essa discussão sobre a questão do Apocalipse segundo Ricossa e, ao mesmo tempo, sobre o Segredo de La Salette, mas **a importância desses assuntos**, à qual se soma, por um lado, sua **ausência de desmentido em relação à sua falsificação** e, por outro, **suas outras falsificações**, nos leva a fazê-lo.

Após a publicação, há pouco mais de um ano, de nosso primeiro documento intitulado A falsificação do pensamento do cardinal Billot... ou o Apocalipse segundo Ricossa[3], que era uma resposta ao artigo O Apocalipse segundo Corsini (*Sodalitium* n° 48)[4] do padre Ricossa, um sacerdote do Instituto *Mater Boni Consilii* me disse que este último responderia a ele, assim como a um artigo publicado anteriormente ao nosso sobre *Si si no no*, edição italiana.

Hoje, de fato, em seu artigo intitulado Notas para o estudo da Sagrada Escritura (e das outras ciências eclesiásticas em geral) da n° 63 da revista *Sodalitium* (página 45)[5], o padre Ricossa escreve que não considerou oportuno até agora responder às críticas suscitadas, na França como na Itália, entre outras, pelo seu artigo *O Apocalipse segundo Corsini*, especialmente à medida que elas cresciam em violência. (De qualquer forma, essa violência constatada pelo padre Ricossa não se refere às nossas palavras; alguns até nos reprovaram por termos sido muito comedidos).

Mas agora, o padre Ricossa "se explica": ele diz (página 63) "também evocamos críticas sobre a exegese, sustentadas principalmente pelo periódico francês *La Voie* e pelo bimensal italiano *Si si no no*". É bom ressaltar que, no que se refere às nossas críticas, elas não foram sustentadas pela revista *La Voie*, da qual sou, de fato, o diretor; foram divulgadas por meio de correio e internet em um documento independente assinado por mim, com a colaboração de um grupo de fiéis.

Vamos ao cerne de seu artigo. Primeiro, o padre Ricossa apresenta, corretamente, o princípio geral segundo o qual, enquanto uma doutrina, uma verdade ou uma teoria não tenham sido fixadas pelo

magistério, os católicos podem sempre pesquisar, discutir e trocar opiniões sobre a questão, citando, para validar este raciocínio, o próprio magistério e vários autores.

Depois, em sua exposição intitulada *Magistério e consenso unânime dos Padres*, ele escreve na nota 3 o seguinte comentário:

> "Para alguns, ao contrário, a expressão 'infallibilidade do consenso unânime dos Padres' tornou-se uma fórmula extremamente útil para apresentar suas próprias opiniões pessoais legítimas, mas discutíveis, como verdades de fé (basta afirmar, sem demonstrar, que são expressões do consenso unânime dos Padres) e taxar de heréticos quem não pensa como eles (e especialmente, quem não lhes é simpático). Os Padres e a verdade merecem um respeito muito diferente."

Notemos que, em relação à nossa referência aos Padres da Igreja, nós nos limitamos, quanto a nós, a citar o que ensina o santo Concílio de Trento sobre a exegese:

> "Além disso, para conter os espíritos indóceis, decreta que ninguém, nas coisas da fé ou dos costumes relacionadas ao edifício da fé cristã, deve, apoiando-se em um único julgamento, ousar interpretar a Sagrada Escritura desviando-a para seu sentido pessoal, indo contra o sentido que teve e que mantém nossa santa Mãe Igreja, que tem o direito de julgar o sentido e a interpretação verdadeiros das Sagradas Escrituras, ou indo ainda contra o consentimento unânime dos Padres, mesmo que tais interpretações nunca devam ser publicadas." Denz. S. 1507.

Acreditar que o padre Ricossa conta com o fato de que seus leitores, em uma polêmica, não leiam outra coisa senão seus escritos[6]. E ele não teria encontrado nada além disso em nosso documento para criar a impressão de uma "falha" da nossa parte: afirmar que se poderia utilizar "a expressão 'infallibilidade do consenso unânime dos Padres' para apresentar nossas próprias opiniões pessoais como verdades de fé"! E, é claro, ele não esclarece que a suposta "opinião pessoal"... é simplesmente o fato de que o Apocalipse fala sobre o futuro da Igreja, desde sua fundação até o fim dos tempos (veja anexos), e não, como ele diz, "desde a criação até a fundação da Igreja"! De fato, não podemos acreditar que os leitores, mesmo os incondicionais do padre Ricossa, possam aceitar uma afirmação tão absurda.

Mais o que poderiam dizer os Padres e os teólogos, senão repetir o que São João escreveu em seu livro sagrado? De fato, é possível que estes últimos não tenham escrito explicitamente que o Apocalipse fala do futuro e não do passado, simplesmente porque é algo que se entende por si mesmo. Mas, de qualquer forma, todos afirmam que este livro profético[7] fala sobre a história da Igreja, desde sua fundação até o fim dos tempos, ou seja, do futuro, mesmo que haja diversas interpretações, como veremos adiante. De qualquer modo, a respeito da questão da “unanimidade

dos Padres”, pode-se dizer que o padre Ricossa tem “razão” no sentido de que, de fato, não era necessário “perturbar” os Padres da Igreja para “sustentar nossa opinião pessoal”, que não é nada mais, evidentemente, do que o que São João mesmo diz, a saber, que o Apocalipse diz respeito ao futuro[8]. É evidente, portanto, que todos os Padres e teólogos também têm essa “opinião pessoal”. Assim, pode-se pensar legitimamente que eles nem mesmo se perguntaram a respeito. Além disso, nos diferentes manuais da Sagrada Escritura, como os de Vigouroux, Fillon, Spadafora, Romeo, ou Sales, onde são enumeradas as diferentes interpretações do Apocalipse, nenhuma delas sustenta que ele fala sobre o passado.

O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse mariano[9]

O padre Ricossa, até o dia em que, provavelmente, como ele diz, “reapreendeu o livro de Corsini”, não hesitou em convencer o leitor, **em 1986**, no *Sodalitium* n° 12 (edição italiana), de que o Apocalipse fala realmente do futuro. Antes de enumerar, neste artigo, os diferentes “motivos da oposição ao Segredo de La Salette”, ele escreve: “Não pretendemos conhecer todos, nem julgar suas intenções. Apenas tentamos entender um fato **inexplicável**: a luta contra uma aparição que é reconhecida como verdadeira”. Em sua enumeração dos “**motivos da oposição**”, retemos **os III e IV**:

Vamos primeiro ao III motivo, onde o padre Ricossa, apoiando-se em **Wilfrid**, usa o termo “ **profético**” para indicar uma revelação sobre o futuro: “**O caráter profético e apocalíptico do segredo** pode desconcertar o leitor. Contudo, **Wilfrid** escreve **não sem razão**: ‘Tudo está dito, de fato, mas como em uma página da Sagrada Escritura, com muita clareza para aquele que possui o sentido bíblico; com muita obscuridade também, como nos Livros inspirados, para nos deixar o mérito da fé. Constata-se, de fato, aparentes anacronismos e uma sobreposição de eventos, às vezes separados por intervalos de tempo bastante longos, que a Visão do Profeta mostra, como em um afresco, em um mesmo plano. **O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse Mariano**. Seu estilo mesmo se aproxima do dos Profetas, pela forma incisiva e a rigorosa doutrina. Na verdade, **é como um desenvolvimento do próprio Apocalipse**, um desenvolvimento que chega agora a seu tempo, para nos dar, em termos claros, **o que nos interessa saber hoje sobre o que São João proclama, de absoluta necessidade, para os homens dos Últimos Tempos**: ‘Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro’ (Ap, XXII, 7). Bem-aventurado também aquele que **guarda as palavras de Maria, cuja Mensagem ilumina aquelas do vidente de Patmos**” (*In difesa del segreto de La Salette*, Roma, 1946, página 100)”.

Nada surpreendente que o padre Ricossa, que não “**guardou as palavras da profecia deste livro**”, de qualquer forma não tenha **guardado “as palavras de Maria, cuja Mensagem ilumina aquelas do vidente de Patmos”**!

Em seguida, o IV motivo, no qual o padre Ricossa, após ter feito corretamente a relação entre a ocultação do Segredo e a horrível crise, evoca o sublime paralelo entre Jesus e Sua Mãe: “**Por outro lado, a predição de tudo que parecia impossível se realiza diante de nossos olhos: assim como veremos, é a horrível crise da hierarquia da Igreja que estamos vivendo atualmente. O resultado foi a ocultação do aviso da Santa Virgem. Da mesma forma que**

Jesus anunciou Sua Paixão para que, uma vez chegada, seus discípulos não se escandalizassem, Maria também anunciou o eclipse da Igreja para que, uma vez ocorrido, não nos escandalizássemos".

Não é para enfiar mais o pé na ferida, mas é preciso constatar que agora é o mesmo padre Ricossa quem assume a responsabilidade e continua a trabalhar para "**a ocultação do aviso da Santa Virgem**". De fato, em seu número 48 de **1999**, ele havia tomado o cuidado, em seu apêndice sobre certas profecias e revelações privadas, de apresentar todas as possíveis razões que pôde encontrar a fim de justificar seu encorajamento implícito a não ler nem divulgar o Segredo da Mãe de Deus. **Tudo o contrário do que ele escreveu em 1986**, notadamente os quatro motivos, que permanecem válidos para explicar a oposição ao Segredo: o liberalismo de certos bispos, a reprovação ao clero, o caráter profético e apocalíptico e a predição da crise da hierarquia da Igreja.

Falsificação... é uma solução para romper a «monotonia»?

Fechado o “parêntese” sobre o Segredo de La Salette, vamos ao título do nosso documento: a falsificação do cardinal Billot, assunto que o padre Ricossa não abordou de forma alguma, assim como não discutiu, como vimos, a ideia de que o Apocalipse fala do passado e não do futuro. Não tendo **mencionado** esses dois pontos principais do nosso documento, como o padre Ricossa pôde escrever: «nós **mencionamos** também críticas sobre a exegese»?

Por que esses dois pontos não foram abordados? Não vemos outra possibilidade senão a sua **dificuldade em desmentir nosso trabalho**, que não era nada mais do que demonstrar uma falsificação da parte dele, uma “verdadeira impostura intelectual”, segundo um de seus colegas franceses. Ele afirma que uma “revista de estudo e aprofundamento não pode cumprir sua tarefa sem suscitar interesse e também contestações, caso contrário ela se limitaria a repetir com **monotonia** o que todo mundo já sabe”. Ele cita Dom Guérard des Lauriers: “a teologia consiste, ao menos às vezes, em refletir e não apenas em repetir”. De fato, repetimos o que os Padres e os teólogos sempre disseram; é verdade que não é proibido, é claro, refletir e eventualmente avançar em pontos que não estão estabelecidos e universalmente sustentados, **mas de forma alguma a reflexão pode levar a conclusões contrárias às afirmações destes últimos, e muito menos àquelas de São João mesmo no Apocalipse**.

Certamente, todos “**já sabem**” que o Apocalipse fala do futuro e não, como o padre Ricossa tenta nos fazer acreditar, que é “uma explicação de toda a Revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja”! Ninguém tem o direito, principalmente em uma revista como *Sodalitium*, que ele alega ser “integralmente católica e intransigente” e a “única atualmente que explica exaustivamente a situação da autoridade na Igreja”, de contar uma coisa dessas, ainda que para romper a “monotonia” dos exegetas como Billot, Spadafora, Romeo e Allo, que não podem ser censurados por repetir o próprio Apocalipse e os Padres da Igreja... que, de fato, “merecem um respeito muito diferente”!

Quando «herético»... torna-se «herético»

“A expressão ‘infallibilidade do consenso unânime dos Padres’ tornou-se uma fórmula extremamente útil para... taxar de herético quem não pensa como eles (e, especialmente, quem não lhes é simpático). Os Padres, e a verdade, merecem um respeito muito diferente.” Mas como se pode pensar assim?

Dado que o padre Ricossa pretende responder indubitavelmente à revista *Si si no no*, é preciso saber que esta última nunca usou a palavra “herético”, mas a expressão “herética”, que por sinal retomamos em nosso parágrafo intitulado uma opinião herética?: “segundo outros, ao contrário, a teoria de Corsini é absurda e herética”.

De qualquer forma, levantamos esta questão: como definir uma teoria como a sustentada por Corsini e pelo padre Ricossa, que vai contra o que disseram todos os Padres, os teólogos, São João ele mesmo e até mesmo o catecismo para crianças?

A respeito do fato de que o padre Ricossa busca deslocar o problema, para, em nossa opinião, não ter que resolver as objeções, falando sobre questões pessoais, como “hostilidade pessoal”, “falsos amigos”, “amigos bem-intencionados ou que são menos” ou “que não lhe são simpáticos”, a ponto de chegar a escrever que certos indivíduos são capazes de taxar alguém de herético... isso é tão deslocado que, francamente, não merece nem ser mencionado.

Além disso, é importante ressaltar que o termo herético nunca teve como objetivo qualificar uma pessoa, mas sim uma teoria.

Vale a pena notar, por acaso, e isso é o cúmulo, que o padre Ricossa afirma que: “Os Padres, e a verdade, merecem um respeito muito diferente”, enquanto é ele mesmo que se permite falsificar, não apenas o pensamento do cardinal Billot, mas também os de três exegetas que ele menciona a seguir: “O abaixo assinado, [o padre Ricossa] se alinha nessa opinião de um Billot, de um Spadafora, de um Romeo ou de um Allo... **não é do futuro que fala o Apocalipse**, mas sim do passado” p. 46, **enquanto ao contrário** Billot escreve em A Parusia: “As predições apocalípticas abrangiam (...) desde o fim do reinado de Domiciano, data da revelação feita a São João, (...) até o fim dos tempos” pp. 302-303 “O tempo abrangido pelo livro do Apocalipse vai da primeira vinda de Jesus Cristo até o fim do mundo, onde ocorrerá a segunda” p. 302.

As outras falsificações do padre Ricossa... A confusão dos diferentes "sistemas"

Em nosso primeiro documento, dissemos “não nos preocupar aqui com os três exegetas aos quais o padre Ricossa faz referência”, mas “preocupar-nos apenas com o cardinal Billot”. Em seguida, fomos ver o que os outros três dizem.

O padre Ricossa falsificou o pensamento de Billot ao truncar seu texto para confortar sua opinião; constatamos que ele agiu de forma semelhante com Dom Spadafora, Dom Romeo e Allo.

Ele começa a citar o primeiro a respeito da refutação do eschatologismo, sistema segundo o qual Jesus teria pregado essencialmente o iminente fim do mundo, que se diferencia da exegese escatológica, e escreve: “A esta objeção, os exegetas católicos responderam amplamente, entre outros, o falecido Dom Francesco Spadafora, ex-professor na Universidade Pontifícia do Laterano, que foi o inimigo mais radical do eschatologismo. A refutação desse erro está presente em quase todas as suas obras: lembremos *Gesù e la fine di Gerusalemme* (1950), no que diz respeito à chamada pregação escatológica de Jesus nos Evangelhos sinóticos (Lc XVII, Mt XXIV, Mc XIII, Lc XXI), que não anunciam o fim do mundo, mas a destruição de Jerusalém e do Templo, e *L’escatologia in san Paolo* (1957), principalmente no que diz respeito às duas cartas aos Tessalonicenses. **A Parusia, ou vinda do Senhor**, indica, tanto no Evangelho quanto no texto paulino, a intervenção do Senhor para socorrer a Igreja perseguida pela Sinagoga: “o fim da nação judaica será a libertação da Igreja” (Spadafora, Dizionario Biblico, seção Escatologia). No que diz respeito ao Apocalipse (cf. Dizionario Biblico), Dom Spadafora se alinha, como seu mestre Dom Antonino Romeo (cf. seção Apocalipse da Enciclopédia Católica, redigida por Romeo) à posição do Pe. Allo ao refutar a exegese “escatológica” (segundo a qual, com o Apocalipse, “teríamos a predição dos eventos que precederão imediatamente e acompanharão a aparição do Anticristo, sua luta, sua derrota definitiva, com o juízo final. Muitos cairão na erro do milenarismo literal...”) assim como aquela que vê no Apocalipse a descrição das épocas ou eras da história da Igreja (muito disseminada antigamente por Joaquim de Fiore). E, no entanto, quem pode afirmar nunca ter pensado em toda sua vida, e especialmente em períodos de crise na história e de crise para a Igreja, que o que falam os últimos livros da Sagrada Escritura, com expressões misteriosas e aterrorizantes, é exatamente o que deve acontecer no final do mundo e da Igreja? Eis o que escreveu a esse respeito o cardinal Billot: “Entre os preconceitos a respeito dos livros de...”»[10].

O que vai fazer o padre Ricossa? Ele passa indevidamente do eschatologismo para o escatológico: escreve que Dom Spadafora, Dom Romeo e Allo refutam o sistema escatológico. Na realidade, Dom Spadafora, em sua frase acima "teríamos a predição... milenarismo literal” **fora de seu contexto**,

expõe o primeiro sistema na enumeração dos diferentes sistemas, mas não o refuta de forma alguma, mesmo que ele siga mais o sistema recapitulativo. Aqui está a frase **em** seu contexto:

«a) [ou 1º sistema] Os primeiros escritores até Victorino Pettao que, aliás, inaugurou a teoria da recapitulação, projetaram principalmente, para não dizer exclusivamente, o Apocalipse para o final do mundo: **teríamos a predição dos eventos que precederão imediatamente e acompanharão a aparição do Anticristo, sua luta, sua derrota definitiva, com o juízo final. Muitos cairão na erro do milenarismo literal** (Papias, São Irineu, etc). Este sistema exegético (o mais antigo) é chamado de "escatológico": ainda hoje é muito disseminado (L. C. Fillon, Marco Sales, J. Sickenberger, etc)». Por que, então, o padre Ricossa não se deu ao trabalho de especificar, como fez Dom Spadafora, que este sistema ainda hoje é muito disseminado e sustentado por Fillon, que é uma autoridade na França, e Marco Sales, na Itália?

Depois, no 4º sistema, Dom Spadafora diz:

«d) Finalmente, o sistema recapitulativo mencionado ou implícito junto aos melhores representantes latinos do primeiro sistema (a) (Beda, Alcuin) é o único, junto com o escatológico, que pode ser considerado tradicional». É verdade que Dom Spadafora refuta o eschatologismo e não, como se viu, o 1º sistema chamado escatológico. Aliás, mesmo que se limite à citação feita pelo padre Ricossa de Dom Spadafora, vê-se claramente que este sistema não é o eschatologismo, mas sim o escatológico.

Resumindo, o padre Ricossa cita quatro sistemas: o eschatologismo, o escatológico, o sistema de Joaquim de Fiore e o sistema recapitulativo. E faz crer que Dom Spadafora refuta esses sistemas, enquanto Dom Spadafora refuta o eschatologismo, e depois as derivações milenaristas do escatológico e não esse sistema como tal, nem o sistema pelo qual o Apocalipse fala de toda a história da Igreja cronologicamente, especialmente como apresentado por Joaquim de Fiore. Por outro lado, Dom Spadafora aprova o sistema recapitulativo.

Portanto, se, para o padre Ricossa, o Apocalipse não fala da vinda iminente de Jesus Cristo (o eschatologismo), nem dos últimos tempos (o escatológico), nem de todas as épocas da Igreja, **não lhe resta outra solução senão dizer que o Apocalipse... fala do passado**. É assim que ele pode "se alinhar a opinião de Billot, Spadafora, Romeo ou Allo... **não é do futuro que fala o Apocalipse, mas sim do passado**"! É simplesmente incrível essa maneira de agir, e incrível no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, que, até que se constate, não se pode acreditar. Não consigo encontrar palavras para qualificar uma atitude assim[11].

No entanto, em 1999, o padre Ricossa havia realmente citado o trecho onde Dom Spadafora diz que o Apocalipse fala do futuro, quando ele menciona que "o [método] recapitulativo... é o único, junto com o escatológico, que pode ser considerado tradicional", mas sem realmente considerar isso de forma adequada. Aqui está o contexto nas páginas 47-48 do artigo do padre Ricossa:

"Na introdução (pp. 11-8; pp. 15-63 ed. fr.), Corsini expõe sua teoria e os princípios exegéticos que o guiaram. No que diz respeito ao primeiro, aqui está como ele é resumido na p. 18 (pp. 23-24 fr.): **o Apocalipse, como indica seu nome, significa 'revelação', 'é de fato a descrição de uma**

vinda, da vinda de Jesus Cristo: mas não se trata daquela que virá no fim dos tempos, mas da que se realizou ao longo de toda a história, desde a criação do mundo, e que teve seu ponto culminante no grande 'evento' (gr. kairós) da vinda histórica de Jesus Cristo, principalmente em sua morte e ressurreição. Para chegar a essa conclusão, Corsini parte do princípio, que deveria ser óbvio, da unidade da obra: não devemos nos permitir interpretar o Ap. como se cada uma de suas partes, cada um de seus símbolos fossem independentes uns dos outros; o Apocalipse é um todo articulado em quatro septenários (7 cartas, 7 selos, 7 trompetas, 7 taças). Qual é o vínculo entre esses quatro septenários? **Corsini segue, portanto, a método "recapitulativo", "o *único, junto com o escatológico, que pode ser considerada tradicional***. O Apocalipse não expõe eventos futuros que se sucedem cronologicamente, [ou seja, o Apocalipse expõe eventos futuros, mas não que se sucedem cronologicamente; nota do tradutor], mas oferece em diversos quadros, que muitas vezes retomam e desenvolvem os anteriores, uma visão profética[12] da luta perpétua entre o Cristo[13] e Satanás, com a vitória do Reino de Deus militante e triunfante" (Spadafora); vitória, precisaria Corsini, já essencialmente conquistada e realizada com a morte e ressurreição do "Cordeiro de pé e como ferido" (= o Cristo morto e ressuscitado) que domina todo o Apocalipse".

Parece-nos óbvio que aqui o leitor, a partir do que diz Dom Spadafora, é indevidamente levado à opinião de Corsini, ou seja, que a Parusia "é de fato a descrição de uma vinda, da vinda de Jesus Cristo: **mas** não se trata daquela que virá no fim dos tempos".

Na medida em que Dom Spadafora diz claramente que o Apocalipse predita o futuro ao expor o sistema recapitulativo, mesmo que não o faça de maneira cronológica, como pôde o padre Ricossa escrever que Dom Spadafora tem a opinião de que o Apocalipse fala "muito mais do passado"?

A confusão sobre a palavra "Parusia"

A respeito da Parusia, o padre Ricossa vai “jogar”, de certa forma, com essa palavra, fazendo crer que para Dom Spadafora, **a Parusia, ou vinda do Senhor**, diz respeito apenas à primeira vinda de Jesus Cristo. Depois de escrever que “a Parusia ou vinda do Senhor indica no Evangelho, assim como no texto paulino, a intervenção do Senhor para socorrer a Igreja perseguida pela sinagoga”, o padre Ricossa cita apenas esta frase de Dom Spadafora: “o fim da nação judaica será a libertação da Igreja” (Dizionario Biblico, seção Escatologia). Mas ele não diz que Dom Spadafora, ainda nesta mesma seção, designa a Parusia como “a intervenção de Deus na história, intervenção que se perpetua”. E ele não menciona que Dom Spadafora diz explicitamente: “a Parusia final, a última vinda ou manifestação, quando Cristo selará seu triunfo também sobre a morte, ressuscitando os corpos e apresentando os eleitos ao Pai, fechará a fase terrestre do Reino dos Céus (I Tes, IV, 14-17, I Cor, XV, 22-28 - 50-57). Ela é a solenidade confirmação e epílogo de todas essas Parusias anteriores, como juiz na morte de cada um, como vingador e protetor de sua Igreja e da justiça no mundo, através de todos os tempos”.

Dom Romeo, mestre de Dom Spadafora, expressa as mesmas ideias, e ele chama a segunda e última vinda de Cristo de “Parusia suprema”. É evidente que isso é o mesmo que a “Parusia final”.

É por isso que o termo **Parusia**, de forma geral, é comumente utilizado para indicar a 2ª vinda, o **retorno** de Cristo. Para Dom Spadafora, a primeira vinda de Jesus Cristo é apenas uma das Parusias. Ao não redigir o verdadeiro pensamento de Dom Spadafora e de Dom Romeo, o padre Ricossa pôde assim citar e concordar com o “progressista” Corsini que diz que o Apocalipse “é de fato a descrição de uma vinda, da vinda de Jesus Cristo: **mas não se trata daquela que virá no fim dos tempos**, mas da que se realizou ao longo de toda a história, desde a criação do mundo, e que teve seu ponto culminante no grande ‘evento’ da vinda histórica de Jesus Cristo, especialmente em sua morte e ressurreição”.

Dom Spadafora e o Apocalipse

Mas o que realmente diz Dom Spadafora sobre o termo Apocalipse no Dizionario Biblico? Em todo o artigo, em nenhum momento é afirmado que o Apocalipse fala do passado em relação à Encarnação do Verbo, mas sim o contrário. Aqui estão alguns trechos significativos: “São João fala do inimigo em sua época, o império romano (a Besta, instrumento histórico do Dragão-Satanás, a prostituta, Babilônia=Roma) para prever sua derrota, a ruína completa, e assegurar o triunfo da Igreja, que é a única que permanecerá vitoriosa. Ao redor dessa profecia central, São João ilustra qual é o plano de Deus a respeito do desenvolvimento de sua Igreja, a partir dos eventos passados (perseguições dos judeus, destruição de Jerusalém; a perseguição de Nero, violenta, sangrenta, mas já passada), da história de Israel que, após o exílio, experimentou contra os inimigos a intervenção do Senhor; o período de perseguição: três anos e meio=42 meses, em relação à perenidade do triunfo de Cristo, é extraído da duração da perseguição de Antíoco Epifânio: e todas as outras imagens derivadas dos profetas, especialmente Zacarias, e dos evangelhos sinóticos” (página 36).

Após dizer que a primeira parte do Apocalipse trata da Encarnação do Verbo e do “estabelecimento do reino de Deus na terra”, Dom Spadafora afirma que “Somente agora - no capítulo XII - começa a parte estritamente profética, referente à luta contínua e a ruína do império romano. Após a queda do império, a luta contra a cidade de Deus será continuada pelos reis, etc., mas sempre com o mesmo resultado”. O autor desenvolve esse argumento e mais adiante diz que trata-se da “mesma luta idêntica **desde a Encarnação do Verbo até o fim da fase terrestre da Igreja**” (página 38). Vale notar que essa frase é praticamente a mesma que a do cardinal Billot.

Depois, posteriormente, Dom Spadafora cita Bonsirven, que se refere ao exegeta Dom Romeo: “O Apocalipse é a síntese conclusiva, das ideias, das esperanças do Novo Testamento, e **a profecia da era messiânica**, era definitiva, **começada com a Encarnação do Verbo**” (cf. A. Romeo; J. Bonsirven, Teologia do N.T p. 58) (página 39). Em seguida, Dom Spadafora enumera as diferentes interpretações do Apocalipse que são aproximadamente as mesmas que as do Dicionário da Bíblia, publicado por F. Vigouroux (ver no anexo 1), e, claro, nenhuma delas diz que o Apocalipse fala do passado.

Aqui estão mais algumas passagens de Dom Romeo extraídas da Enciclopédia Católica, sob a palavra Apocalipse: “... a vitória final de Deus inclui a Parusia e o juízo final; depois, seguem-se as visões que ilustram com mais precisão as destinações do reino de Deus (Igreja) **até o fim do mundo**. Depois, a besta que sai do mar com 7 cabeças e 10 chifres coroada (anticristo político, Roma Pagã **e poderes seguintes**)... Após a introdução nos capítulos II-III, o Apocalipse pinta em formas alegóricas a história futura ou escatológica, mas em estreita conexão com o presente, conforme o cânon da verdadeira profecia; ele ensina que o reino de Deus e de Cristo já está em ato

e que agora já vivemos os últimos tempos nos quais Deus e Cristo vencem as últimas violentas resistências do inimigo já derrotado... Ele descreve a era messiânica na qual as perseguições e tribulações dão ocasião ao testemunho fiel, a exemplo de Jesus, até o momento em que o juízo de Deus entrará no tribunal humano".

Dom Romeo diz também que o sistema recapitulativo (do qual já falamos) afirma que foi restaurado hoje na forma pura e tradicional por Allo (1921). Ele resume esse sistema assim: "O Apocalipse não expõe os eventos futuros em uma série progressiva contínua, mas descreve alguns eventos supremos entre Cristo e Satanás, repetindo com símbolos diferentes as mesmas realidades até a maturação e o resultado: é o reino de Deus militante, e, finalmente, triunfante... O Apocalipse prevê as linhas gerais da história espiritual da humanidade, **da Encarnação até o fim do mundo**... Este sistema preserva o caráter profético (espiritual) e unitário do Apocalipse e deve integrar o que há de verdadeiro nos 3 primeiros [sistemas] [na enumeração de Romeo, o sistema recapitulativo é o 4º]. O Apocalipse é escatológico e não uma predição detalhada da história universal; mas os últimos tempos devem ser entendidos no sentido profético e apostólico: eles são a era messiânica, era religiosa e definitiva. A maior parte dos símbolos se refere primeiro às perseguições do império romano e, como toda profecia, o Apocalipse era um escrito de atualidade; mas a luta entre a Roma pagã e a Igreja representa e prevê as fases sucessivas da luta perpétua entre as potências satânicas e Cristo que, ao final, triunfará em sua Igreja".

Então, se Dom Romeo mantém o mesmo discurso que Dom Spadafora e Allo, como pôde o padre Ricossa escrever que "o abaixo assinado se alinha a opinião de Billot, Spadafora, Romeo ou Allo: não é do futuro que fala o Apocalipse, mas sim do passado", uma vez que eles pensam **exatamente o contrário dele, a não ser... devido a todas as suas falsificações e confusões**, que, por sua vez, lhe permitiram amalgamar os quatro autores citados... em uma só expressão: "***nisto***"?

O padre Ricossa escreveu na n° 63 do *Sodalitium*: "Eu considero este número (o n° 48) como um dos melhores e mais importantes da nossa revista". De fato, no que diz respeito às manipulações de textos... sim, isso não deixa dúvidas!

Anexos

Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.

Aqui está um rápido resumo:

«VI. Interpretação do Apocalipse... divisão em **três classes** entre os intérpretes: [...]

A **primeira** classe - O Apocalipse abrange **toda a história da Igreja** e celebra os triunfos que Cristo obteve sobre seus inimigos nas diversas épocas dessa história [...]

A **segunda** classe - Nenhum intérprete antigo se junta a ela. Ela coloca o cumprimento da maior parte das predições do vidente de Patmos na queda do judaísmo e do politeísmo; apenas os últimos capítulos falam sumariamente sobre **o fim do mundo**. [...]

A **terceira** classe - Vê em todo o Apocalipse a **predição dos destinos últimos da Igreja no tempo do Anticristo**, enquanto a história da época primitiva da Igreja é apenas levemente abordada e de passagem. Muitos dos Padres da Igreja compartilham essa opinião: Irineu, Hipólito, Agostinho, André de Cesareia, Arétas, Victorino, Primásio, Beda [...]».

Que o Apocalipse seja «**uma explicação sobre toda a revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja**» é uma **opinião desconhecida** no Dicionário Bíblico de Vigouroux.

Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano

Aqui estão algumas citações de autores sobre o mesmo assunto. Vamos primeiro ao exegeta dominicano Marco Sales, que, na Itália, é uma autoridade. Ele é, de fato, o equivalente a Fillon na França: «**O Apóstolo São João dá a seu livro o nome de Apocalipse, ou seja, Revelação, e diz explicitamente que ele trata das coisas futuras**, as quais devem em breve se cumprir. Por essa razão, o apóstolo também chama seu livro de **profecia**, e em todos os tempos o Apocalipse sempre foi considerado um livro **profético**».

O autor afirma que há muitas obscuridades e conclui da seguinte forma: «Portanto, o Apocalipse é um dos livros mais difíceis de interpretar e, apesar da aplicação e dos estudos de tantas gerações, os exegetas estão bem longe de concordar sobre o significado exato das diferentes visões descritas, **embora todos concordem que o tema principal do Apocalipse é a segunda vinda de Jesus Cristo no final dos tempos**. Todos os exegetas reconhecem que no Apocalipse há uma unidade de propósitos, e que todas as diferentes partes tendem a um mesmo fim, a saber, o triunfo de Jesus Cristo e de seus eleitos» e «Devem ser rejeitados todos esses sistemas racionalistas que negam o caráter profético do Apocalipse, e supõem que o autor não quisesse fazer nada além de escrever um poema religioso reunindo os diferentes elementos dos Apocalipses judaicos ou da mitologia. Devem ser rejeitados também todos esses sistemas que afirmam que o Apocalipse não trata de outra coisa senão da história contemporânea contada sob forma profética» (página 613 da Sacra Bibbia).

Se Marco Sales rejeita esses sistemas, o que diria ele sobre um sistema que diz que o Apocalipse fala do passado? Além disso, quando esse autor resume as diferentes interpretações em três classes - praticamente as mesmas que todos os outros - e diz que, é claro, todas falam do futuro, **ele não considera sequer um sistema que falaria do passado!**

Nos *Commentarii in Sacram Scripturam* (edição Pelagaud e Lesne, Lyon, 1840), encontramos isto: Apocalipse (*Apocalypsis, id est revelatio...) : « Apocalypsis, inquam, sive revelatio eorum "quæ oportet fieri cito," hoc est, quæ cito incipient fieri, licet non cito finientur. Nam persecutiones Christianorum, quæ hic revelantur, coeperunt sub Trajano, qui post Nervam succesit Domitiano, et terminabuntur in fine mundi. [...] »* (o Apocalipse, ou seja, a revelação... o Apocalipse, digo, ou **a revelação das coisas que devem acontecer em breve, ou seja, que começarão a acontecer em breve, mas não terminarão em breve**. De fato, as perseguições aos cristãos que são reveladas aqui começaram sob Trajano, o qual, após Nerva, sucedeu a Domiciano, e terminarão no fim do mundo).

Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot

Col 1471

São João apresenta ele mesmo seu livro como uma revelação que recebeu, Apoc., I, 1, e como uma profecia, Apoc., I, 3.

São Irineu, em seu *Contra hæreses*, expôs **sobre o fim dos tempos ideias emprestadas em parte do Apocalipse**.

Col 1474 - 4 -

Em seu comentário sobre o Apocalipse, Nicolau de Lyra inaugurou, em 1329, uma nova época. A seus olhos, a profecia de São João é a predição de **toda a história da Igreja desde sua fundação até o fim dos tempos**.

Col 1474 - 5 -

O início do Apocalipse diz respeito à época mais próxima do autor, mas a maior parte do livro não se realizará senão no fim do mundo, que será precedido pela vinda do Anticristo.

Col 1475

Desde a segunda metade do século XVIII, **os racionalistas deixaram de ver no Apocalipse uma profecia do futuro**; eles o reconheceram como uma história, escrita sob forma simbólica e apocalíptica. O autor fala, portanto, exclusivamente de seu tempo, a saber, da luta da Igreja contra o império pagão de Roma, figurado por Babilônia e pela besta.

Col 1476

Se os comentaristas discutem o sentido de suas visões simbólicas, **eles concordam em reconhecer ensinamentos precisos sobre** Deus, Jesus Cristo, a Igreja, os anjos **e o fim dos tempos**.

Se tivéssemos que escolher entre um grande número de interpretações ou simplesmente indicar nossas preferências, estaríamos fortemente impedidos. Sem fixar nossa escolha, **afastaríamos toda explicação que seja inconciliável com o caráter profético, que a tradição constante da Igreja reconheceu ao Apocalipse.**

Col 1478 III Igreja

Todo o livro do Apocalipse tem como objetivo descrever as lutas da Igreja contra o paganismo e seus outros adversários, **com seu triunfo final**.

Col 1478 V O fim dos tempos

Os ensinamentos relativos à consumação final são mais ou menos completos e mais ou menos detalhados, conforme se **aplique o Apocalipse aos últimos tempos**, a partir do capítulo IV, do capítulo XIII ou apenas do capítulo XX.

... Portanto, relataremos **somente ao fim do mundo os últimos capítulos do Apocalipse**.

Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

Col 709 – 710

No *De veritate*, Santo Tomás, inspirando-se em Cassiodoro, in Psalt., praef, c. I, P. L., t. XIX, col. 12, dá uma definição da profecia entendida no sentido muito estrito, cujos elementos a distinguem de toda "profecia" humana: *divina inspiratio, rerum eventus immobili veritate denuntians*. Cf. II-II, q. CLXXI, a. I, obj-4: Deus é o princípio imediato (que, no entanto, se adapta ao ministério intermediário dos anjos) do conhecimento verdadeiramente profético. *Rerum eventus... denuntians* : trata-se de um conhecimento que revela os elementos futuros, mesmo indeterminados, enquanto que uma "profecia" natural não pode ter como objeto senão eventos mais ou menos determinados já em suas causas. *Immobili veritate*: a profecia natural sempre possui algum aspecto de incerteza, enquanto que a **verdadeira profecia prevê os eventos futuros de uma maneira absolutamente infalível.**

Col 713: Últimas precisões, consagradas pelo concílio do Vaticano [I] e as decisões recentes da Comissão bíblica

O argumento profético, tomando como ponto de partida a profecia entendida em seu sentido muito estrito – conhecimento sobrenatural e predição de um evento futuro imprevisível – foi definitivamente consagrado no concílio do Vaticano. Deve-se consultar os textos conciliares reproduzidos no art. MILAGRE, t. X, col. 1799. Na constituição Dei Filius, o concílio coloca as profecias no mesmo plano que os milagres, e as chama de "argumentos externos da revelação", "fatos divinos... que, porque manifestam de maneira excelente a onipotência divina e sua ciência infinita, são sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos". E, como confirmação de sua afirmação, o concílio traz o texto de II Pedro, I, 19: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui bene facitis, attendentes quasi lucernae in caliginoso loco*. C. III, De fide, Denz-Banw., n. 1790. Essas ideias se encontram na fórmula antimodernista de Pio X. Ibid., n. 2145. Veja o art. MILAGRE, col. 1799. Desde, os decretos da Comissão bíblica sobre Isaías (29 de junho de 1908), dub. I-III; sobre os salmos (1 de maio de 1910), dub. VIII; sobre o sentido do salmo XV, 10-11 (1 de julho de 1933), dub. I; sobre as predições propriamente ditas contidas nesses escritos,

mostram bem em que sentido a autoridade eclesiástica entende a palavra profecia em apologética…

Mas há mais: o concílio entende por profecia não a manifestação de toda verdade revelada, mas o anúncio de um evento futuro. De fato, na primeira redação do texto conciliar, os teólogos usavam não a palavra *prophetiæ*, mas a palavra *vaticinia*, que, em seu significado primário, significa "anúncio do futuro". Além disso, o que lemos no decreto relativo à força probante das profecias não seria exato se a profecia devesse ser entendida no sentido de manifestação de qualquer verdade revelada, enquanto que tudo é verdade das profecias entendidas no sentido muito estrito.

A constituição, de fato, declara que as profecias reconhecem a revelação divina, da qual são, como os milagres, sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos. **Ora, a manifestação de qualquer verdade revelada não preencheria essas condições. O anúncio de eventos futuros, indeterminados em suas causas próximas, e, portanto, naturalmente imprevisíveis, constitui, pelo contrário, uma prova da revelação. Esses eventos só podem ser conhecidos por Deus; pois tratam-se de futuros contingentes, cuja conhecimento requer a ciência infinita de Deus. A profecia, entendida nesse sentido, é, portanto, realmente uma prova da intervenção divina, tão certa quanto a prova dos milagres de ordem física.**

… É que, precisamente, apoiando-se nas profecias para demonstrar a verdade da revelação cristã, ele se detém com complacência nas profecias messiânicas que a II Pedro tem em vista: "Possuímos os oráculos dos profetas, cuja certeza é firmada (*firmiorem propheticum sermonem*), sobre os quais é bom que fixem seus olhares, como uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso". Evidentemente, este texto apresenta as profecias messiânicas do Antigo Testamento como uma excelente prova da divindade da missão e da pessoa de Jesus Cristo.

Col. 715

O verdadeiro profeta, no sentido pleno da palavra, conhece ele mesmo essa luz profética que o ilumina, e sua certeza das coisas por ele preditas é absoluta. Como poderia ele falar aos homens em nome de Deus?

Referências

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

[2] «**A paz**: sim, sem dúvida, é o ardente desejo do meu coração, [escreve o cardeal Pie] é a necessidade da minha natureza, é a inclinação marcada do meu caráter. Mas o Espírito Santo me ensinou que **o amor à verdade deve prevalecer sobre todo outro amor, mesmo sobre o amor à paz**: VERITATEM TANTUM ET PACEM DILIGITE (Zacar, VIII, 19). Uma das orações que foram pronunciadas sobre minha cabeça no dia da minha consagração episcopal foi esta: "**QUE ELE AME A VERDADE, E QUE NUNCA A ABANDONE, NEM SOB A INFLUÊNCIA DO MEDO, NEM SOB A INFLUÊNCIA DA LISONJA**: *veritatem diligat, neque eam unquam deserat, aut laudibus aut timore superatus*". E a experiência que o mundo acaba de viver deve ter ensinado a todos vocês, meus Irmãos, quão fecunda em calamidades de toda espécie é o erro. Portanto, tenham **confiança** em nosso ministério, e estejam resolvidos a **respeitar nossas palavras e nossos atos**, mesmo quando porventura não os compreendam. Deixem-nos **salvaguardar**, em suas causas e em seus princípios, os efeitos e as consequências às quais vocês atribuem tanto valor; deixem-nos **trabalhar** por vocês, algumas vezes contra a sua vontade; e lembrem-se de que, do cume da montanha, o pastor vê mais alto e mais longe do que as ovelhas que se estendem suavemente no vale.

Não, eu exclamarei com o profeta, não, "**por Sião eu não me calarei, e por Jerusalém eu não terei descanso**: *propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam*" (Isa., LXII, 1), **até que o Salvador Jesus, rejeitado pela insolência dos homens de nosso tempo, se levante novamente sobre o mundo para iluminá-lo com Seus raios e salvá-lo por este esplendor salutar**. O que seu grande doutor dizia aqui a seus pais, o espetáculo das coisas contemporâneas confirmou-o suficientemente: "não há nada tão calamitoso para o mundo quanto não ter recebido Jesus Cristo: *Et quid mundo tam periculosum quam non recepisse Christum ?*"

Assim, as mentes menos cristãs atualmente concordam em encorajar a independência de nosso ministério, a ousadia de nossa palavra. Nesses dias de confusão e desordem, se os profetas permanecem em silêncio, quem falará? **Se os púlpitos da verdade estão mudos, quem fará reviver os direitos da verdade?** Que lhes baste saber que nosso zelo será invariavelmente guiado pela caridade, e que se alguma vez formos forçados a **fazer guerra**, será sempre **com o objetivo de fazer a paz**, a única que merece esse nome, que é **A PAZ NA VERDADE**: *pacem in veritate*.

Essa paz, meus amados irmãos, eu a desejo a todos vocês hoje com toda a efusão da ternura da minha alma; a meus irmãos no sacerdócio, e a essas almas de elite que se dedicaram à prática da perfeição evangélica; aos homens em dignidade, e a todos aqueles que estão sob sua autoridade; aos grandes e pequenos, ricos e pobres; aos anciãos e jovens; aos esposos e esposas; aos pais e filhos; aos justos e pecadores; aos fiéis discípulos da Igreja, e a nossos irmãos separados que tiveram o infortúnio de nascer fora de seu seio materno; em suma, a todos aqueles que a graça de

Deus e do trono apostólico confiaram à minha guarda: Que a bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo desça sobre vocês, e que nela permaneça para sempre. Amém». Obras de Dom o bispo de Poitiers, o cardeal Pie, T.I, p. 128 a 134. Oudin, 1873, 4ª ed.

[3] http://www.gloria.tv/?media=90198

[4] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=33

[5] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=196

[6] Uma vez, a respeito do Apocalipse, um fiel que frequentava o Instituto nos pediu explicações sobre como o padre Ricossa havia manipulado o pensamento do cardeal Billot. Esse fiel não queria acreditar, achando isso absurdo. Intrigado, ele consultou o n° 48 da revista *Sodalitium* e adquiriu o livro do cardeal Billot, *La Parousie*. Ele me telefonou, atônito, algum tempo depois, dizendo que, infelizmente, eu tinha razão.

Em outra ocasião, um fiel, que leu em 1999 o artigo do padre Ricossa, comentou em uma discussão que este havia respondido muito bem no n° 63 de *Sodalitium* ao nosso trabalho sobre o Apocalipse. Quando perguntei se ele havia lido nosso escrito, ele respondeu que não. Ah! Mesmo!

Mais uma vez, discuti com alguém que havia lido a resposta do padre Ricossa ao nosso livro *Petrus es tu?*, o padre Paladino e a tese de Cassiciacum, e, claro, estava convencido da veracidade das afirmações do padre Ricossa. Ao perguntar se ele havia lido meu livro, ele respondeu que ler o padre Ricossa era suficiente para ele. Ah! Mesmo novamente! Assim, portanto, sem ter lido meu livro, como ele poderia perceber que o padre Ricossa havia manipulado meus escritos em vários pontos?

[7] É verdade que, como observa o padre Ricossa, a palavra "profecias" não significa apenas o anúncio do futuro, mas, nesse contexto, é evidente que é utilizada nesse sentido. (Veja o anexo 4)

[8] “A revelação de Jesus Cristo que Deus lhe deu, para descobrir a seus servos as coisas que devem acontecer em breve,... Bem-aventurado aquele que lê e ouve as palavras desta profecia e guarda as coisas que nela estão escritas, pois o tempo está próximo”.

É assim que começa o Apocalipse (I, 1–3). E aqui está como o Apocalipse termina (XXII, 6–20): “O Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou seu anjo para descobrir a seus servos o que deve acontecer em breve. Eis que venho em breve... Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo... Eu voltarei em breve, e minha recompensa está comigo para dar a cada um segundo suas obras... Eu, Jesus, enviei meu anjo para lhes dar testemunho destas coisas nas Igrejas... Sim, eu voltarei em breve. Amém: vem, Senhor Jesus”.

[9] **O padre Paladino poderia ter precisado que este importante livro de Wilfrid estava disponível nas Ed. Saint-Rémi!**

[10] O padre Ricossa continua esta citação que não reproduziremos novamente, pois já a tratamos em nosso documento anterior.

[11] Alguns nos perguntaram qual é seu interesse em fazer tudo isso; não sabemos. É apropriado perguntar ao próprio padre Ricossa.

[12] É evidente que aqui a palavra "profético" é utilizada no sentido de que prediz eventos futuros.

[13] Ou seja, o Filho de Deus feito homem, portanto, necessariamente após a Encarnação.